

## Uma proposta de tradução para o epigrama VII do *Catalepton*.

Fábio Paifer Cairolli

Si licet hoc sine fraude, Vari dulcissime, dicam:  
“dispeream, nisi me perdidit iste Pothus”.  
Sin autem praecepta uetant me dicere, sane  
non dicam, sed: “me perdidit iste puer”.

Se puder, caro Vário, direi sem engano:  
“que eu morra, se não me perdi por Desidério!”  
Se vetarem, porém, o preceito, não digo  
tudo, somente: “me perdi por um menino!”

Este epigrama pertence ao chamado *Catalepton*, integrante da *Appendix Vergiliana*, conjunto de poemas latinos, provavelmente escritos entre os séculos I a.C. e II d. C., com teores e méritos poéticos bem diversos, atribuídos, com poucas possibilidades de comprovação, a Virgílio.

O *Catalepton* é coletânea de poemas curtos que, embora não receba abertamente esta denominação, pode, por suas características, ser inserida no gênero do epigrama.

O epigrama se desenvolveu na Grécia, a partir das inscrições em versos cunhadas em lápides e em objetos votivos. Na sua passagem ao estágio “literário”, incorporou, além da morte e da oferta, outros temas, em particular os amorosos e simposiais, mantendo a brevidade extrema e a propensão a reflexões breves e muitas vezes mordazes. Por estas características, esse tipo de composição exigia de seus cultores muita técnica e refinamento. O gênero foi muito apreciado na Antigüidade, em especial no período Helenístico e na fase imperial de Roma, o que é atestado pela existência respectivamente da *Antologia Palatina* e de um poeta como Marco Valério Marcial.

O poema em questão pertence à espécie da *moûsa paidiké*, ou em latim, *musa puerilis*, (“poesia do menino”), isto é, a relação amorosa homossexual pederasta. Aceita na sociedade grega e na romana, criava um conjunto complexo de situações: usualmente a posição passiva só era aceita nos jovens imberbes que, irriquietos, na maioria das vezes só se submetiam à relação pederástica por interesses, seja pecuniários, seja sociais. Tão logo fossem adultos, lhes era vergonhoso continuar desempenhando esse papel. Isto se reflete em toda a poética homossexual clássica, repleta de lamentos pela barba que surgiu e de convites a aproveitar enquanto ainda é permitido.

Nossa proposta de tradução deste epigrama levou em conta que o nome do menino amado, *Pothus* (v. 2), é latinização do termo grego *póthos*, que significa “desejo”. Verter *Pothus* por “Desidério”, nome próprio em português, ligado etimologicamente à palavra “desejo”, aumenta substancialmente o significado do poema. Por este motivo, propusemos solução que recriasse, na medida do possível, essa nuance, em vez da mera adaptação do nome latino ao português.

## SOBRE O TRADUTOR

**Fábio Paifer Cairolli** é pesquisador e tradutor. É bacharel em Letras, com habilitações em Latim e Português. Trabalha atualmente com a tradução e análise do poeta latino Marcial em seu projeto de Mestrado, vinculado à Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP. Fez Iniciação Científica sobre o mesmo autor entre agosto de 2003 e julho de 2005. Publicou o livro de poemas *Amores* (Campinas: Verbo ad Verbum Ed., 2005).